

OS TRABALHOS E OS DIAS DOS DEUSES E DOS HOMENS: A MITOLOGIA COMO FONTE PARA REFLETIR SOBRE NORMALIDADE E DEFICIÊNCIA

GODS' AND MEN'S WORKS AND DAYS: UNDERSTANDING 'NORMALITY' AND 'DISABILITY' THROUGH MYTOLOGY

Lucídio BIANCHETTI¹

RESUMO: Pesquisar a maneira como os mitos são criados e como os deuses mitológicos, nas suas relações entre si e com os mortais, tratam aqueles que não se enquadram nos padrões de normalidade estabelecidos pode se constituir numa privilegiada estratégia para refletir sobre como os constructos de inclusão/exclusão foram sendo forjados originalmente e como saíram da mitologia para entrar na história e se tornarem operacionais e constantemente representificados. O encantamento provocado por essas pesquisas se metamorfoseia em desencanto quando se percebe que a práxis excludente/inclusiva poucas mudanças veio experimentando. E esse desencanto se torna mais dramático quando se percebe que, apesar das sofisticadas terminológicas e das criações científicas e tecnológicas potencialmente contributivas à realização do ideal de igualdade de todos, ainda estamos longe desse desiderato.

PALAVRAS-CHAVE: Educação especial; normalidade e deficiência; mitologia.

ABSTRACT: This article tries to draw attention to fact that mythology can contribute to the process of reflection on normality and deficiency. The narrative of how mythological beings that carry deficiencies, particularly Hefesto and Filoctetes – were excluded and, later, included in life with their similars, presents an excellent example for the reflection on this problem nowadays. In spite of all modern scientific and technological aids, and also the gains in terms of citizenship, people who do not fit into the standards of normality still go through several degrees of discrimination.

KEYWORDS: Special education; normality and deficiency; mythology.

Os trabalhos e os dias dos homens na busca de superar suas *deficiências*

Desde tempos imemoriais homens e mulheres, por meio de seus ditos e feitos, se preocuparam em produzir um determinado (re)ordenamento no seu espaço-tempo, visando a sobrevivência em condições que se apresentam tão mais adversas quanto mais recuamos no tempo. Destaca-se também uma crescente preocupação em projetar, lançar as bases para dias melhores em tempos vindouros. Na busca de superar os empecilhos que se colocavam entre as suas necessidades e as possibilidades concretas de atendê-las, nossos ancestrais utilizavam intermediações que extrapolavam a capacidade dos seus membros e sentidos, funcionando como extensões de seu corpo e intelecto. Nessa direção percebemos que criavam ou lançavam mão de recursos, de meios materiais (construídos nos tempos de paz e, principalmente, na

¹ Mestre em Educação pela PUC/RJ. Doutor em História e Filosofia da Educação, pela PUC/SP - Professor Adjunto no Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC.

guerra) e espirituais² (paradigmas, constructos, modelos, conjuntos de crenças, doutrinas, ideologias, com seus rituais e mitos) a fim de apreender e explicar o seu entorno e superar os limites físicos ou mentais que se interpunham entre a situação presente e os *utopos* (os não-lugares) de cada época e lugar, que, embora não concretizados ainda, eram almejados ou se insinuavam no campo das possibilidades.

Paralelamente percebemos, também, que um reduzido grupo de homens que compunha ou fazia parte do estrato dominante, tudo fazia para a manutenção do *statu quo*. Os meios criados para a superação de limites de todas as ordens, nesse caso, o foram no sentido de subjugar os outros e dobrar a resistência daqueles que atentavam contra a ordem estabelecida, bem como visavam potencializar as possibilidades de continuar garantindo a perenidade dos privilégios de quem já era privilegiado. No caso de absolutizar o entendimento da história da humanidade por essa ótica, somos levados a concordar com os pensadores (entre eles Marx e Engels, 1986) que afirmam que essa longa história – prenhe de conquistas e cheia de reveses pelo e para o conjunto da humanidade - nada mais é do que a materialização do processo e dos resultados da luta de classes.

Falando da passagem de formas gerais de organização social para específicas, em termos de superar limites, percebemos que nesse processo, seja para a manutenção ou para a transformação, seja para produzir melhores condições de vida ou para atentar contra esta, as criações humanas através dos tempos vêm se caracterizando como próteses, como meios, como extensões através das quais os homens buscam superar limites físicos e mentais.³ Do machado de pedra lascada e o tacape, passando pelo arco e flecha, evoluindo para o rifle e chegando até os atuais mísseis teleguiados, podemos perceber quanto os homens foram se tornando mais capazes de ultrapassar os limites físicos que os tornavam vulneráveis no confronto direto com suas caças; no embate com seus adversários ou na superação dos limites impostos pelo espaço e pelo tempo.

Do cavalo, isolado ou atrelado a bigas, passando pelos barcos, trens e automóveis, chegando aos atuais supersônicos – sem falar nos meios de transporte interplanetários já disponíveis e em fase de testagem -, a preocupação dos homens ao construírem esses meios foi ultrapassar os limites do tempo necessário para seu deslocamento físico. Por mais que um corredor se aperfeiçoe na arte e na técnica de vencer em menos tempo o percurso entre um ponto e outro apelando apenas para

² A nossa referência ao “espiritual” aqui vai no mesmo sentido que lhe empresta Octávio Ianni quando, ao falar especificamente do capitalismo, o define como “um modo de produção material e espiritual, forma de organizar a vida e o trabalho, um processo civilizatório, que se expande contínua e reiteradamente pelos quatro cantos do mundo” (1992, p. 55).

³ Essa questão, no que concerne aos dias atuais, fica mais explícita em *Os meios de comunicação como extensões do homem*, de Marshal McLuhan. Estudiosos e analistas desse autor, como é o caso de Gordon & Willmart (1998), afirmam que, para McLuhan, “qualquiera sea la tecnología, todo medio es una extensión de nuestro cuerpo, mente o ser” (p. 58). E hoje, quando tanto se discute e se interage com as tecnologias digitais ou também chamadas de tecnologias da inteligência, ninguém é mais convincente do que Philippe Breton (1995) a respeito do computador como extensão do cérebro.

seus dotes físicos, ele continuará sujeito às leis da gravidade. Sem contar com o suporte de meios mecânicos como complementos do seu corpo, o homem pouco poderá fazer a mais do que já conquistou até os dias atuais na busca de vencer adversários e melhorar índices de desempenho. As saídas que se apresentam para superar as distâncias físicas, por enquanto, continuam sendo os equipamentos. Aliás, nossos ancestrais, ao criarem deuses mitológicos como Hermes/Mercúrio - tornado seu mensageiro predileto - dotando-os de asas nos pés já expressavam o desejo de superar as barreiras físicas.

Dos diálogos e troca de informações entre as pessoas que convivem lado a lado, passando pelas comunicações à distância, através de batidas de tambor ou nuvens de fumaça, avançando nas conquistas comunicacionais pelos correios, continuando com o telefone, até chegar aos modernos meios que compõem o complexo teleinfocomputrônico,⁴ a preocupação dos homens foi eliminar os limites de espaço e tempo. Chegamos, hoje, ao estágio no qual um telefone acoplado a um *modem* simplesmente pulveriza distâncias, fazendo com que o lá-depois ceda lugar ao aqui-agora, ao *online*, liberando os homens da tirania do deus *Chronos*, com seus lugares e datas sucessivas, isto é, *cronológicas*.

E assim os exemplos poderiam ser multiplicados ilimitadamente. No entanto pensamos já haver elementos suficientes para evidenciar o quanto os seres humanos, em um sentido, são 'deficientes',⁵ limitados quando circunscritos à utilização dos seus dotes 'naturais'. Um dos pais da ciência experimental, Francis Bacon (1561-1626), no século XVII, manifestava-se sobre a *obtusidade, a incompetência e a falácia dos sentidos* e alertava para o fato de que

nem a mão nua nem o intelecto, deixados a si mesmos, logra muito. Todos os feitos se cumprem com instrumentos e recursos auxiliares, de que dependem, em igual medida, tanto o intelecto quanto as mãos. Assim como os instrumentos mecânicos regulam e ampliam o movimento das mãos, os da mente aguçam o intelecto e o precavêm. (Bacon, 1979, p. 13)

Noutro sentido também podemos perceber o quanto já foi feito e o potencial que se vislumbra no sentido de superar as *naturais/acidentais deficiências* quando a capacidade criativa de homens e mulheres é colocada em ação. As conquistas recentes no campo das extensões dos membros e sentidos dos seres humanos e da ampliação da sua capacidade física e mental, como resultado do trabalho coletivo, não conhecem precedentes. O próprio autor acima citado anteviu há mais de três séculos aquilo que, para nós, nos albores do século XXI, já é realidade: os instrumentos

⁴ Expressão cunhada por Dreifuss (1996) referindo-se ao fantástico ganho qualitativo em termos de comunicação a partir da passagem da tecnologia analógica à digital, materializada num conjunto de novas tecnologias isoladas ou combinadas. Neste último caso, é paradigmática a junção do telefone com o computador dando origem às modernas Centrais de Controle por Comando Armazenado (CPAs).

⁵ Temos presente o alerta de Amaral (1995) a respeito do perigo da homogeneização ou da demagogia, mesmo que impregnada de boas intenções, quando se afirma que todos somos deficientes em algum grau. Ressalta a autora que há uma distância entre usar óculos e ser cego. Nesse sentido, é "preciso diferenciar para compreender melhor" (p. 26).

desenvolvidos carregam o potencial de igualar os homens⁶ nas suas capacidades ou de tornar a equalização de todos uma possibilidade concreta!

Paralelamente a essas conquistas, no entanto, ainda há muito a ser feito para ampliar a capacidade dos chamados normais, mas especialmente para dotar os chamados *deficientes* dos meios e recursos potencialmente já existentes. Como sabemos, condições dadas não significam *ipso facto* realidade concretizada. Assim, percebemos que o não-enquadramento num padrão previamente estabelecido ainda causa muito sofrimento àqueles que não se encaixam na considerada normalidade; os portadores de necessidades educativas especiais ainda estão à espera e na luta para o efetivo respeito e atendimento às suas especiais necessidades;⁷ a diferença, em muitos aspectos, ainda é concebida e tratada como deficiência a despeito dos avanços inegáveis já concretizados; há conquistas no campo da linguagem sem que necessariamente conheçam sua tradução na prática social⁸ ou, nas palavras de Amaral (1994, p. 55), “talvez seja, realmente, mais fácil falar sobre do que olhar para...”. Os avanços técnicos não se fazem acompanhar em igual velocidade e amplitude pelas conquistas no campo social. Enfim, são estas e tantas outras evidências que nos fazem pensar e afirmar de conformidade com Boaventura de Souza Santos quando explicita que

vivemos num tempo paradoxal. Um tempo de mutações vertiginosas produzidas pela globalização, a sociedade de consumo e a sociedade de informação. Mas também um tempo de estagnação, parado na impossibilidade de pensar a transformação social, radical. Nunca foi tão grande a discrepância entre a possibilidade técnica de uma sociedade melhor, mais justa e mais solidária e a sua impossibilidade política. (Santos, 1996, p. 15)

⁶ Conforme suas próprias palavras: “Assim como para traçar uma linha reta ou um círculo perfeito, perfazendo-os a mão, muito importam a firmeza e o desempenho, mas pouco ou nada importam usando a régua e o compasso” (Bacon, 1979, p. 31).

⁷ O governo do Estado de Santa Catarina decretou que os alunos portadores de necessidades educativas especiais deverão ser integrados às classes dos chamados normais. Aqui as questões são inúmeras, embora muito mais relacionadas a aspectos operacionais do que propriamente ao mérito da decisão. Na citação que segue, aparecem afirmações e conclusões que, embora se referindo a uma realidade europeia, podem ser transformadas em questionamentos relacionados à nossa situação. Diz Rodrigues (1995, p. 532): “Alguns estudos e experiências tendem, no entanto, a considerar que a integração escolar pode ser facilitada quando se encontram reunidas algumas condições”. Refere-se em seguida a uma experiência de integração desenvolvida numa escola preparatória de Lisboa, avaliada como “muito positiva”, para cujo desenvolvimento contou-se com as seguintes condições: “1. os professores tinham sido escolhidos em regime de voluntariado; 2. o número de professores implicados era reduzido; 3. a família dos educandos foi implicada no processo; 4. os professores implicados foram sujeitos a formação permanente”. Na sequência o autor reproduz dados de um estudo da UNESCO, a partir de questionário respondido por professores a respeito dos fatores que facilitam a integração, dentre os quais destacam-se: “1. uma melhor proporção entre professores/alunos; 2. mais formação de professores. 3. participação de outros técnicos não professores; 4. necessidade de recursos suplementares”.

⁸ Isto pode ser evidenciado desde a própria terminologia. Rodrigues (1995, p. 529) afirma que em Portugal “tem-se assistido a uma gradual e segura substituição do termo ‘deficiente’ pela expressão ‘necessidades educativas especiais’ (NEE). Esta mudança terminológica representa uma alteração essencial nos valores e práticas a serem assumidos na integração escolar do aluno com NEE. Ao evitar-se a designação ‘deficiente’, tenta-se evitar atribuir as eventuais dificuldades da pessoa a causas exclusivamente intra-individuais”.

Percebe-se assim que, quando nos situamos na esfera do potencial e das conquistas no campo científico e tecnológico e até da legislação, muito temos a comemorar. No entanto, no que depender da radicalização da democracia no tocante a tudo o que já está disponibilizado, infelizmente continuamos frente a uma situação em que falar de tarefas de Hércules longe está de ser apenas figura de retórica.

Os trabalhos e os dias dos deuses e suas estratégias compensatórias

A leitura e a análise dos fatos e episódios ambientados no Olimpo, vivenciados pelos deuses e na relação desses com os mortais evidenciam o quanto a mitologia assim como as grandes religiões⁹ e especialmente a literatura, como bem demonstra Amaral (1994), são fontes imprescindíveis para compreender o ser-pensar-agir-sentir dos homens e mulheres nos dias atuais. Isto mostra a operacionalidade que há nos relatos mitológicos ou na história original das religiões, o que deveria desafiar-nos a estudá-las e buscar compreendê-las mais por aquilo que nos revelam da nossa filoontogênese – se assim pudéssemos falar, ao fazer referência a esse amálgama que forja o pensamento ocidental judaico-cristão -, do mais profundo e longínquo de cada um de nós e da própria humanidade, do que por simples curiosidade ou diletantismo.

Conforme palavras de Contrera (1996, p. 49), “ao representificar os primórdios, o mito nos joga de encontro a uma poderosa força criativa, já que, ligado sempre às origens, o mito nos reconecta com a possibilidade de uma ação humana criativa, por meio da metáfora”.

Muitos autores enfatizam a importância de estudarmos a mitologia devido ao seu poder heurístico no sentido de nos ajudar a compreender como veio se dando a construção espiritual e material do espaço-tempo no qual vivemos e especialmente o ordenamento predominante nos dias de hoje. Moraes (1988) utiliza expressões presentes nos próprios relatos mitológicos para destacar-lhe o papel. Diz ele: “Para os homens do final deste século, o mito se coloca como uma esfinge: ‘Decifra-me ou devoro-te’”. E segue reforçando: “Há que decifrar isto, para que não se venha a ser devorado pelos túneis de uma racionalidade estéril, por haver desdenhado de sua contrapartida” (p. 10). Por outro lado, Zusman (1994) fala de como Freud se beneficiou da descrição das lutas, das tragédias e das glórias dos seres mitológicos para apreender a condição humana e fazer com que suas explicações se tornassem mais acessíveis, chegando ao ponto de popularizarem-se.

⁹ Em trabalho recente procuramos deixar evidente o quanto, no amálgama que constitui o pensamento ocidental judaico-cristão, a existência de cegos, coxos, surdos, mudos, gogos, aleijados, paráliticos e leprosos suscitou diferentes interpretações e desempenhou importantes papéis. De um lado, foi relacionada a pecado, seja da parte do próprio portador de qualquer dessas ‘deficiências’, seja da parte dos seus genitores (Bianchetti, 1998). Paradigmática neste sentido é a pergunta feita a Jesus Cristo pelos seus discípulos ao presenciarem o milagre da cura de um cego de nascença: “Mestre, quem pecou, este ou os seus pais para que nascesse cego?” De outro, a própria existência desses ‘deficientes’ foi utilizada como justificativa para a manifestação do poder de Deus entre os homens, conforme se pode depreender da seguinte afirmação do fundador do cristianismo, presente no Evangelho de S. João: “Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus” (9:2,3).

A obra organizada por Boechat (1995), por seu turno, é uma excelente contribuição para compreender em que medida as idéias míticas continuam se manifestando na atualidade, apesar da complexidade e da sofisticação da sociedade atual. Com base na perspectiva jungiana que anima seus escritos, o autor enfatiza que as configurações simbólicas, sejam da mitologia, sejam das obras literárias clássicas, em sua “densidade polissêmica, podem lançar luz tanto sobre o desenvolvimento psicológico do indivíduo, quanto aos complexos problemas sociais da cultural atual” (p. 11).

Se no campo da mitologia e da história das religiões, em geral, localizamos muitos estudos e pesquisas, sobre a contribuição que esses relatos podem proporcionar para ampliarmos nossa compreensão da normalidade e da patologia ressalta-se a necessidade de mais pesquisas. Os livros *Conhecendo a deficiência* (em companhia de Hércules) e *Pensar a diferença/deficiência*, de Lígia A. Amaral, são uma amostra, de um lado, da contribuição que o estudo dos mitos pode proporcionar e, de outro, do quanto ainda há a desbravar nessa área específica. E neste aspecto da indicação de obras, não podemos deixar de incluir a excelente coletânea de textos “O poder do mito” (Claret, s.d.), com artigos de clássicos como M. Eliade, E. Morin e R. Barthes, entre outros.

Conforme atestam as Escrituras e os relatos criacionistas mitológicos, os deuses criaram os homens à sua imagem e semelhança. De nossa parte poderíamos afirmar: e os homens devolveram com a mesma moeda! Nos relacionamentos dos deuses entre si e destes com os mortais encontramos tantas características humanas que seria difícil, se não impossível, abstrair ou tentar compreender os trabalhos e os dias, a ternura mobilizadora de forças construtivas e os rompantes destrutivos dos deuses, sem relacioná-los às criações humanas na busca de manter ou transformar uma ordem estabelecida.

Muito mais do que deuses direcionando o ser-pensar-agir-sentir dos homens e mulheres, como se fossem títeres nas suas mãos, os relatos das ações dos deuses revelam o divino no humano em todas as suas dimensões. Inclusão e exclusão-ostracismo; compensação e castigo; completude e deficiência; proteção e abandono; esquecimento e atualização: eis polarizações presentes nos *corpus* das doutrinas e nos relatos das ações dos deuses mitológicos que nos fazem pensar neles e compreendê-los mais como produções espirituais dos homens do que como prévias revelações divinas visando estabelecer parâmetros para o bem-viver em comunidade, independentemente do lugar e tempo.

Vejam alguns exemplos de como, nos relatos dos mitólogos, aparecem situações divinas/humanas de inclusão, exclusão e busca de meios materiais para compensar carências ou deficiências. Neste momento nos deteremos de passagem em alguns relatos. Posteriormente focalizaremos mais detalhadamente dois personagens da mitologia grega – Filoctetes e Hefesto – por considerá-los paradigmáticos no tocante ao aspecto inclusão-exclusão como práxis que persiste entre os homens na passagem do milênio, a qual, no entanto, conta com ‘pedigree’

bastante ‘nobre’ e, pensando na mitologia, por que não dizer, divino.

Ícaro: a glória e o perigo de voar. Ícaro e seu pai Dédalo, vítimas da vingança do rei Minos, foram lançados no labirinto. Dédalo, considerado o maior e mais genial arquiteto do mundo mitológico, não se dá por vencido. Constrói para si e o filho dois pares de asas, colando-as às costas com cera. Com essa intermediação alçam vôo e se libertam da prisão labiríntica. Entusiasmado com os deleites proporcionados pela condição de pássaro, Ícaro comete um erro fatal: esquece o conselho do pai, o qual lhe recomendara expressamente que não voasse muito baixo, pois o peso da umidade do orvalho o impediria de permanecer no ar, e principalmente que não se alçasse a ponto de aproximar-se do sol, pois o calor derreteria a cera. A não-obediência à solicitação do pai faz com que Ícaro despenque das alturas e seja tragado pelo mar Egeu.

Prometeu e o perigo de revelar os segredos dos deuses aos simples mortais. Condoído e penalizado frente à condição dos mortais, Prometeu rouba uma centelha de fogo e a entrega aos homens. Conhecendo o segredo do fogo, estes já não precisam temer aquilo que antes lhes era misterioso e levava-os a reverenciar os deuses a fim de que lhes fossem propícios. Com sua atitude Prometeu provoca a ira de Zeus e, em represália, é expulso do Olimpo e preso por fortes correntes num rochedo.¹⁰ Sem poder defender-se, durante o dia é atacado por abutres que lhe comem as entranhas, as quais se regeneram à noite a fim de que o eterno castigo por sua ousadia recomece no dia seguinte.

Procusto e a busca da padronização a qualquer custo. Este assaltante e cruel criminoso instalou seus dois leitos de ferro num ponto estratégico por onde todos os transeuntes que percorriam o caminho entre Mégara e Atenas eram obrigados a passar. Presas, suas vítimas eram amarradas aos leitos. Com seu facão amputava as pernas daqueles que ultrapassavam o tamanho da cama pequena e com sua força distendia violentamente aqueles cujas pernas não coincidiam com o tamanho do leito maior.¹¹

Pasífae e o risco das relações perigosas. Posídon, o deus das profundezas do mar, atendeu a um pedido de Minos, rei de Creta: fez um touro muito belo sair das águas do mar, fato que contribuiu para Minos se tornar, indiscutivelmente, o rei de Creta. No pedido do rei havia também a promessa de oferecer o touro em holocausto ao deus do mar. Encantado com a beleza do animal, Minos esqueceu sua promessa. A vingança de Posídon não se fez demorar: desencadeou em Pasífae, mulher do rei de Creta, uma paixão irresistível pelo touro. Esta, para satisfazer seu desejo, contou

¹⁰ A associação desse episódio mitológico com o relato que descreve a expulsão de Adão e Eva do paraíso, após comerem o fruto da árvore da sabedoria, presente no livro do Gênesis (Bíblia), é inevitável.

¹¹ Reduzindo suas vítimas às dimensões que desejava, o ‘monstro’ simboliza ‘a banalização, a redução da alma a uma certa medida convencional’, afirma Brandão (1992, p. 428). E continua: “Trata-se no fundo (...) da perversão do ideal em conformismo. Procusto configura a tirania ética e intelectual exercida por pessoas que não toleram e nem aceitam as ações e os julgamentos alheios, a não ser para concordar. Temos, assim, nessa personagem sanguinária, a imagem do poder absoluto, quer se trate de um homem, de um partido ou de um regime político”.

com a ajuda de Dédalo, que pondo em ação sua engenhosidade construiu uma novilha de bronze com tal perfeição que o próprio touro foi enganado. Colocando-se no interior da novilha, Pasífae pôde satisfazer seus desejos e sua paixão incontrolável pelo touro. Dessa relação nasceu o Minotauro. Seu aspecto era tão horrendo (meio gente, meio touro) e seus costumes tão perigosos (antropófago) que a única saída encontrada pelo rei Minos foi contratar os serviços de Dédalo. O labirinto foi construído e, no seu interior, o Minotauro foi encerrado até o dia em que teve o derradeiro encontro com Teseu.¹²

Tirésias e o castigo por dizer a verdade quando esta contraria os interesses de quem está no e tem o poder. O maior e mais famoso adivinho grego era cego. Há duas explicações para a origem da sua ‘desgraça’ e a ‘compensação’ de ter se tornado um profeta respeitado. A primeira dá conta de que Tirésias, ainda adolescente, viu sua mãe banhando-se nua na companhia de Atená. Enfurecida, a mãe cegou o filho. Consumada a cegueira, veio o arrependimento por tamanha brutalidade. Como compensação a deusa-mãe acabou cumulando o filho de dons (tornou-o adivinho) e bens (deu-lhe um bordão com poderes mágicos que o guiava como se ele continuasse enxergando). A segunda e mais veiculada versão sobre a perda da visão por parte de Tirésias é assim descrita por Brandão (1992):

Certa feita, no Olimpo, Zeus (...) discutia acaloradamente com sua esposa Hera. O objeto da polêmica era deveras sério e complexo. Girava em torno do amor. “Quem teria maior prazer num ato de amor, o homem ou a mulher”? Para arbitrar a questão, foi chamado aquele que já participara de ambos os sexos. Questionado pelo casal divino, Tirésias respondeu, sem hesitar, que, se um ato de amor pudesse ser fracionado em dez parcelas, a mulher teria nove e o homem apenas uma. Hera, furiosa, o cegou, porque ele havia revelado o grande segredo feminino e sobretudo porque, no fundo, Tirésias estava decretando a superioridade do homem, causa eficiente dos nove décimos do prazer feminino. Hera compreendeu perfeitamente a resposta patriarcal do tebano; ao dar-lhe ‘a vitória’, nove décimos de prazer, estava, na realidade, traçando um perfil da superioridade masculina, da potência de Zeus, simbolizando todos os homens, únicos capazes de proporcionar tanto prazer à mulher. Para compensar-lhe a cegueira, Zeus, agradecido, concede-lhe dons divinatórios extraordinários; o privilégio de viver sete gerações humanas e guardar, após a morte, as faculdades intelectuais. (Brandão, 1992, p.451)

Narciso e o perigo da vaidade pessoal. Dentre os filhos da Hélade, Narciso supera a todos em beleza. E isto traz preocupação para seus pais, pois a beleza fora de medida pode facilmente levar a excessos de vaidade, sempre prontamente

¹² Num belo conto cujo título é *La casa de Asterión*, J. L. Borges (1971) narra o mito do Minotauro de maneira inversa a que estamos acostumados a ler. Da boca do Minotauro saem palavras dizendo que os 14 jovens que lhe são trazidos anualmente o são para que ele os liberte. Ao mesmo tempo ele diz saber que um dia virá alguém libertá-lo. Ao relatar à Ariadne o seu enfrentamento com o monstro antropofágico, Teseu assim se expressa: “Lo crearás, Ariadna? – dijo Teseo -. El minotauro apenas se defendió”. O conto de Borges é impressionante, pois nos mostra que todo relato é feito de uma determinada posição, visando a criação ou manutenção de uma determinada ordem. Do ponto de vista dos relatos mitológicos, o minotauro é um monstro; de um outro ponto de vista, um meio de libertação e ele próprio um ser à espera de alguém que o liberte da sua maldição!

castigados por Nêmesis, a deusa da justiça. Preocupada com o futuro do filho, Liríope consulta o adivinho Tirésias a respeito do tempo de vida do filho. Este responde que ele poderia viver muito tempo caso respeitasse a condição de não se ver. Desde jovem, em virtude da sua formosura, Narciso despertou paixões arrasadoras. No entanto, a nenhuma delas ele correspondeu. A ninfa Eco, tomada de uma paixão incontrolável por Narciso, e não correspondida nos seus sentimentos, foi definhando até transformar-se num rochedo, capaz apenas de repetir os sons emitidos. Essa insensibilidade fez com que as outras ninfas desdenhadas transformassem sua paixão em ódio e buscassem formas de vingança. Nêmesis entra em ação e condena o jovem a amar um amor inatingível. Ao acercar-se de uma fonte para matar a sede, viu-se refletido na água e imediatamente foi tomado de uma paixão fulminante por si mesmo. Nem ele próprio e nem ninguém mais conseguiu movê-lo daquela posição. Morreu mirando-se.

Vê-se por estas breves narrativas a respeito de alguns seres mitológicos que freqüentam nosso imaginário e impregnam nossa linguagem no dia-a-dia que a mitologia é, realmente, uma “fonte fecunda de onde sempre se pode beber prazerosa e frutiferamente” (Amaral, 1994, p. 55).

Nas páginas que se seguem procuraremos, de maneira mais detalhada, através da trajetória de dois deuses – Filoctetes e Hefesto –, acrescentar alguns elementos para avançar na compreensão desse promissor campo de pesquisas.

Filoctetes e Hefesto: as glórias e o ostracismo dos deuses ‘deficientes’

Filoctetes: o herói das flechas certeiras

Filho de Zeus e Alcmena, Hércules ou Héracles, embora descendendo de um deus do Olimpo, conheceu os extremos da força e mazelas dos comuns mortais. No seu processo de antropomorfização (a experiência da condição humana) superou na força todos os mortais e, por inveja e traição, conheceu também a dor e a morte. Depois de muitas façanhas, e tendo cumprido o ciclo dos *doze trabalhos*, Héracles, para se livrar das dores provocadas por uma túnica envenenada que inadvertidamente vestira, decide abandonar o mundo dos humanos. A condição para voltar ao convívio dos deuses foi a purificação pelo fogo. Uma pira de madeira é erguida no monte Eta sobre a qual o herói deita-se e pede a seus comandados que a incendeiem. Todos relutam em obedecer-lhe a última ordem. Vencendo a própria resistência, Filoctetes acaba por atender ao pedido, ateando fogo no altar da imolação. Por seu gesto de coragem e compaixão recebeu um especial presente do herói agonizante: seu arco e suas flechas. Antes de morrer, contudo, Héracles solicitou a Filoctetes, “única testemunha de seus derradeiros momentos, que jamais revelasse o local da pira. Interrogado, sempre se manteve firme e fiel ao pedido do herói” (Brandão, 1991, p. 537).

Com este parágrafo introdutório localizamos Filoctetes no espaço-tempo em que se torna depositário do arco e flechas de Héracles. É exatamente esta herança

que o tornará um dos principais atores nos momentos finais da longa e sangrenta guerra que os gregos moveram contra os troianos. Acontece que Filoctetes não apenas passou a ser o depositário do arco e flechas de Hércules, mas também herdou a capacidade de dispará-las e de acertar os alvos, a ponto de se transformar num arqueiro imbatível. Porém, antes de participar nas frentes de batalha contra os troianos ele conheceu as agruras do ostracismo na ilha de Crisa (na versão¹³ de Sófocles) ou de Lemnos (na versão de Homero). É das causas, conseqüências e decorrências da exclusão e da reintegração desse herói mitológico nas hostes dos gregos que nos ocuparemos agora.

De acordo com a narrativa de mitógrafos, Filoctetes foi um dos heróis gregos que, na condição de chefe dos Tessálios, fez parte das forças de guerra organizadas por Ulisses, Agamêmnon e outros heróis da Helade, para lutarem contra Tróia. A seu respeito diz Brandão (1991, p. 441):

Dos grandes heróis Aqueus que lutaram em Tróia, Filoctetes foi um dos mais sofridos. Participou da guerra somente após a morte de Aquiles e assim mesmo porque suas flechas mortais eram indispensáveis para a vitória final. As fontes mais importantes para um levantamento das atribulações por que passou o herdeiro das flechas de Hércules encontram-se na *Ilíada* e na tragédia de Sófocles *Filoctetes*.

O caminho da exclusão

Acompanhar os derradeiros momentos de Hércules entre os mortais fez de Filoctetes um personagem importante especialmente por dois motivos: por ter recebido o arco e flechas e por ser o único detentor do segredo sobre o local exato onde a pira fora erguida e o fogo consumira o corpo do herói grego. Roubar-lhe as armas das quais passou a ser depositário era algo de pouca valia, pois a força e a eficiência delas era um atributo inerente ao presenteado por Hércules. Contudo, embora o relato mitológico não deixe transparecer claramente o motivo, mais almejado do que o arco e as flechas era o deslindamento do segredo relacionado ao local da imolação.

A habilidade no uso das armas foi transferida a Filoctetes juntamente com elas. Sobre isso ele não tinha poder. Ele não escolheu: foi escolhido. É como se ele fosse mais um instrumento a serviço de uma força que não lhe era inerente. A guarda do segredo, todavia, era algo que dependia inteiramente dele. Tanto é verdade que a recomendação de Hércules é sobre a não-revelação do local da sua imolação e não sobre o uso do arco e flechas. E justamente a sua exclusão vai se dar por ele não ter conseguido guardar o tão recomendado segredo, embora involuntariamente.

Aqueles que tinham curiosidade em descobrir onde o filho de Zeus havia sido queimado perceberam que, embora o submetessem freqüentemente a saraivadas de perguntas, Filoctetes jamais revelaria o seu segredo. Dessa forma passaram a vigiá-

¹³ Cf. indicações de outras versões em Amaral (1994).

lo constantemente. E foi assim que, seguindo suas pegadas, chegaram ao monte Eta, desvendando o segredo sobre o lugar no qual Hércules havia passado os últimos e sofridos momentos entre os humanos. Quando isso se concretizou a ira dos deuses se abateu sobre Filoctetes. Daí por diante ele passou a ser atormentado por uma ferida incurável num dos pés.

Segundo uma das variantes da mitologia, a ferida foi causada pela picada de uma serpente venenosa quando Filoctetes se encontrava na ilha de Tênedos. Noutra versão, a ferida teria sua origem associada a uma flecha envenenada que lhe caiu da aljava, espetando-lhe o pé. No entanto, independentemente da versão, em dois aspectos há convergência: a ferida era incurável e, o mais terrível para o herdeiro das armas de Hércules, dela exalava um odor pútrido insuportável, dificultando ou impossibilitando o convívio desse herói grego com seus companheiros. Outra versão informa que a dor causada pela ferida levava Filoctetes a freqüentemente urrar e o barulho dos seus gritos interferia no necessário silêncio e ambiente adequado aos rituais e sacrifícios em louvor aos deuses do Olimpo. Por qualquer dos motivos, Ulisses e outros chefes, a caminho de Tróia, decidiram *abandonar o comandante dos tessálios na ilha de Lemnos*.

Afastamento, confinamento, atribulações, doloroso retiro são palavras e expressões utilizadas (Brandão, 1991, p. 442) para caracterizar a situação vivida por Filoctetes após sua exclusão do exército grego e abandono numa ilha. Permaneceu lá por mais de nove anos alimentando-se da carne das aves abatidas com suas certas flechas. Causavam-lhe sofrimento profundo a precariedade da vida vivida numa minúscula ilha calcinada, a impossibilidade de estar na frente de batalha, a dor do ferimento e a dor do abandono.

As estratégias da inclusão

Ulisses e seus comandados cercaram Tróia. Por mais de nove anos, embora arremetesse com todas as forças e estratégias contra seus muros, a cidade continuava uma fortaleza inexpugnável. Após muitos reveses, lembravam, cada vez com mais freqüência, de Filoctetes e suas flechas certas. Ocorre que Heleno, um famoso adivinho, havia revelado que “Tróia só seria vencida, entre outras condições, se os helenos contassem com a presença de Filoctetes” (Brandão, 1991, p. 443) e as invencíveis armas herdadas de Hércules.

Frente às evidências dos seus repetidos fracassos e passando a considerar a possível veracidade da profecia de Heleno, Ulisses e Diomedes decidem voltar à Ilha de Lemnos e trazer Filoctetes para a frente de batalha. Lá se defrontam com um herói magoado pelo abandono e resistente aos apelos de reintegração ao exército grego feitos pelos antigos companheiros. Há duas versões para explicar a presença de Filoctetes no final da guerra de Tróia.

Em Sófocles o retorno do chefe dos tessálios, após um estratagema de Ulisses, de resto desfeito por Neoptólemo, é conseguido graças à intervenção do

deus ex machina Hércules. No *Filoctetes* de Eurípides o regresso do herói se deveu quer à astúcia de Ulisses e Diomedes, que, em lhe tomando o arco e as flechas, obrigaram-no a segui-los, quer apelando para o patriotismo e o dever ou ainda prometendo-lhe a cura total em Tróia. Com efeito, dois grandes médicos, Macáon e Podalírio, filhos de Asclépio, haviam acompanhado a armada grega. Segundo uma variante, logo que o herói chega a Tróia, Apolo, médico igualmente e pai de Asclépio, prostrou-o em sono profundo (a primeira anestesia que se conhece no mundo clássico) enquanto Macáon realizava a cirurgia. Após examinar cuidadosamente a ferida e retirar as carnes mortas com um punhal, lavou-a com vinho e aplicou-lhe um bálsamo extraído de uma planta, cujo segredo Asclépio havia recebido do Centauro Quirão (Brandão, 1991, p. 443).

Curado da sua ferida e livre do odor insuportável, Filoctetes imediatamente entrou em ação, abatendo com seu arco e flechas certeiras os heróis defensores de Tróia. Segundo consta dos relatos mitológicos, sua presença foi decisiva para a vitória final dos gregos, passando “de abjeto a herói” (Amaral, 1994, p. 56). Consta ainda que encerrada a vitoriosa guerra contra os troianos, com seu apoio, Filoctetes retirou-se para uma ilha com seus comandados e lá viveu o resto dos seus dias.

Hefesto: o deus coxo que manejava com maestria forjas e bigornas¹⁴

A genealogia de Hefesto é bastante complicada, e seu próprio nascimento é considerado de difícil explicação pelos mitógrafos, caso se queira entendê-lo pelos critérios biológicos que presidem a geração e o nascimento externamente à ambiência mitológica. De acordo com os relatos de Homero, Hefesto é filho de Zeus e uma das suas inúmeras esposas, Hera. Já conforme o relato de Hesíodo, ele foi gerado apenas por Hera. Isso teria ocorrido como uma desforra e um desafio da esposa do senhor do Olimpo, uma vez que este havia gerado Atená sem a participação da sua consorte.

Hefesto é coxo de ambas as pernas. O fato de ser portador desse ‘defeito’ trouxe-lhe muitos problemas físicos e psicológicos, os quais procurava compensar trabalhando o ferro, o bronze e os metais com tamanha maestria, que deixava até os deuses admirados.

O caminho da exclusão

Assim como para o seu nascimento, há mais de uma versão para o fato de Hefesto ter se tornado portador de um defeito físico que o destacava dos outros seres mitológicos. Uma das explicações para a gênese de sua diferença dá conta de que Hera, tomada de um acesso violento de cólera contra seu marido Zeus, em função das constantes infidelidades deste, vingou-se perseguindo e impondo castigos sobre-humanos a Hércules, filho de Zeus e Alcmena. Em defesa do filho, o senhor do

¹⁴ Versões alternativas sobre Hefesto, cf. Amaral (1991).

Olimpo castigou exemplarmente Hera pendurando-a de cabeça para baixo, presa pelos pés a uma nuvem. Hefesto entra na discussão dos seus genitores ousando tomar a defesa da mãe, e com isso provoca a ira do pai, que o agarra pelas pernas e o joga para fora do Olimpo. Depois de vagar pelo universo por mais de um dia, cai sobre a ilha de Lemnos, fraturando os membros inferiores. É salvo da morte pelos cuidados recebidos dos nativos. Porém, o estigma de mancar e caminhar desajeitadamente o acompanhará vida afora.

Outra versão coloca Hera no centro do processo de exclusão. Hefesto teria nascido coxo. Ao perceber o filho como um aleijão, Hera desespera-se e resolve livrar-se dele, arremessando-o para fora da morada dos deuses. Depois de rolar pelo vazio do universo por um dia, ele cai no mar, cujas águas amortecem sua queda e o livram de morrer. Foi recolhido e levado para uma gruta marinha onde recebeu os cuidados de duas deusas: Tétis, que tinha uma dívida de gratidão com Hera por ter sido criada e educada por esta, e Eurínome, filha de Oceano e uma das inúmeras esposas de Zeus. Essas deusas, além de cuidarem de Hefesto, propiciaram ambiente favorável à sua aprendizagem. Ele iniciou-se nos segredos da fundição do ferro, bronze e metais preciosos, acabando por se tornar o “deus ourives”, o “mais engenhoso de todos os filhos do céu” (Brandão, 1992, p. 490).

Na polarização que caracteriza o ser e agir dos deuses da mitologia, Hefesto fez da sua arte e engenhosidade um meio de agradar, ser aceito, admirado, presentear e se vingar (vingança em cujo rol não se inclui Zeus!). Enfim, uma estratégia de superar ou deslocar para segundo plano o seu defeito físico.

As estratégias de inclusão

No capítulo das suas vinganças, que acabou lhe proporcionando o retorno ao convívio dos deuses, uma das principais iniciativas colocou Hefesto em confronto com Hera. Ele fabricou e enviou à sua mãe um trono de ouro de estonteante beleza. A deusa deslumbrada sentou-se na áurea cadeira sem saber que estava caindo numa armadilha. Ao tentar levantar percebeu que estava presa ao trono. Inutilmente outros deuses tentaram libertá-la. Sabendo que quem amarra tem o poder de desamarrar,¹⁵ os deuses tomaram a iniciativa de enviar Dionísio – o deus da videira - para convencer Hefesto a voltar ao Olimpo. Perante sua negativa, não sobrou outra alternativa ao deus do vinho senão o embriagar a fim de minar-lhe a resistência e carregá-lo de volta à sua antiga morada, junto aos deuses, e libertar Hera.

Outra vingança pessoal memorável proporcionada por suas habilidades foi perpetrada contra Afrodite, a qual lhe fora dada por Zeus em casamento como uma forma de compensação e complemento ao seu aspecto físico, que deixava a desejar no tocante ao padrão de beleza. Além de atingir seu objetivo pessoal, nesse

¹⁵ Mais uma vez, algo ‘acontecido’ no Olimpo aparece na cosmogonia cristã: Jesus Cristo, ao entronar Pedro no posto de chefe temporal da Igreja, dá-lhe o poder de amarrar e desamarrar. Afirma-lhe que tudo o que ele ligar ou desligar sobre a terra será ligado ou desligado no céu.

episódio Hefesto conseguiu se tornar olímpicamente mais aceito por proporcionar diversão aos deuses. Avisado por Hélio, que devido à sua luz conhece os males do mundo, Hefesto toma conhecimento das constantes infidelidades da sua bela esposa com Ares. Ele os envolve numa rede invisível e convoca todos os deuses para assistir às proezas amorosas dos amantes.

Hefesto atende a pedidos expressos de Zeus e de outros deuses, independentemente do aspecto moral envolvido nessas solicitações. É o caso da fabricação dos grilhões com os quais Prometeu é preso aos rochedos do Cáucaso e das armas fabricadas para Aquiles, a pedido de Atená, com as quais derrotou Heitor, o herói troiano. No entanto, nenhuma das suas criações concorre com a moldagem e animação da primeira mulher a partir de uma solicitação de Zeus. Hefesto trabalhou habilmente a argila, imprimindo-lhe o formato de um belo corpo feminino, e completou a obra com um sopro. Assim nascia Pandora.

O divino ourives era muito procurado na sua 'oficina'. Por causa das suas habilidades fabricava as mais belas jóias, colares, correntes, o que lhe rendia muita admiração e lhe valeu casamentos com as mais belas e inteligentes mulheres, das quais se destacam respectivamente Afrodite e Atená, o que representaria o casamento entre a filosofia, a técnica e a arte.

Enfim, por sua *deficiência* Hefesto vivencia a exclusão e por sua engenhosidade é reconhecido e incluído como um deus de primeira grandeza, presente nos mais altos escalões do mundo mitológico.

Conclusão

Ao invés de concluir, preferimos levantar duas questões. Em primeiro lugar, como é possível compreender que, apesar de todas as metamorfoses das formas, o conteúdo relacionado à inclusão/exclusão, seja na mitologia, seja na história, mantenha-se praticamente inalterado? Será que teremos de ler *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* como se as afirmações de Marx fossem aplicáveis irrestritamente a qualquer época e lugar? Referimo-nos à citação que segue:

A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestados os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar a nova cena da história do mundo nesse disfarce tradicional e nessa linguagem emprestada (Marx, s.d., p. 203).

Em segundo lugar, é de se questionar se a única maneira de aceitar a diferença/deficiência implica a necessidade de, pragmática e utilitaristamente, seus portadores apresentarem como caução habilidades compensatórias.

Referências Bibliográficas

- AMARAL, L. A. Sobre a questão da integração: a política do *avis-struthio* e o leito de Procusto. 4ª Jornada intermunicipal de pessoas portadoras de deficiência. São José dos Campos, nov. de 1990.
- _____. *Pensar a diferença/deficiência*. Brasília: CORDE, 1994.
- _____. *Conhecendo a deficiência* (em companhia de Hércules). São Paulo: Robe editorial, 1995.
- _____. Integração social e suas barreiras: representações culturais do corpo mutilado. Revista *Terapia Ocupacional*. São Paulo, USP, v. 2, n. 4, p. 188-95, dez. 1991
- BACON, F. *Novum Organum*. São Paulo : Abril Cultural, 1979. Col. Os pensadores.
- BIANCHETTI, L. Aspectos históricos da apreensão e da educação dos considerados deficientes. In: BIANCHETTI, L.; FREIRE, I. M. (Orgs.). *Um olhar sobre a diferença*. Interação, trabalho e cidadania. São Paulo: Papyrus, 1998.
- BOECHAT, W. (Org.). *Mitos e arquétipos do homem contemporâneo*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BORGES, J. L. *El Aleph*. Buenos Aires : Emecé Editores, 1971.
- BRANDÃO, J. *Mitologia grega*. Dicionário mítico-etimológico. Petrópolis: Vozes, 1991/1992. v. 1 e 2.
- BRETON, P. *À imagem do homem*. Do Golem às criaturas virtuais. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- CLARET, M. (Org.). *O poder do mito*. São Paulo: Clipping, s. d.
- CONTRERA, M. S. *O mito na mídia*. A presença de conteúdos arcaicos nos meios de comunicação. São Paulo: Annablume, 1996.
- DREIFUSS, R. *A época das perplexidades*. Municipalização, globalização e planetarização: Novos desafios. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GORDON, W. T.; WILLMARTH, S. *McLuhan para principiantes*. Buenos Aires: Editorial Errepar, 1998.
- HESÍODO. *O trabalho e os dias*. São Paulo: Iluminuras, 1990.
- IANNI, O. *A sociedade global*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- MARX, K. Os 18 Brumário de Luís Bonaparte. In: _____ ; ENGELS, F. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Alfa-Omega, s.d. v. 1.
- MARX, K.; ENGLS, F. *A ideologia alemã*. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- MORAIS, R. (Org.). *As razões do mito*. São Paulo: Papyrus, 1988.
- RODRIGUES, D. O conceito de necessidades educativas especiais e as novas metodologias em educação. In: CARVALHO, A. D. (Org.). *Novas metodologias em educação*. Porto: Porto Editora, 1995.
- SANTOS, B. S. Para uma pedagogia do conflito. In: SILVA , L. H. et al. (Orgs.). *Novos mapas culturais*. Novas perspectivas educacionais. Porto Alegre: Sulina, 1996.
- VERNANT, J. P. *Mito e religião na Grécia antiga*. São Paulo: Papyrus, 1992
- VERNANT, J. P.; NAQUET, P. V. *Trabalho e escravidão na Grécia antiga*. São Paulo: Papyrus, 1989.
- ZUSMAN, W. *Os filmes que eu vi com Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

